

McLuhan e McBride: duas utopias superadas pela tecnologia e pela Internet

Maria José Baldessar¹

Resumo: Este artigo procura contextualizar como o fluxo internacional de informações se situa na atualidade e como a Internet capilariza novas formas de dominação. Faz a revisão de alguns conceitos como o de globalização e mostra que a informação noticiosa ainda depende das grandes agências de notícias para integrar a agenda mundial.

Abstract: This article aims at contextualizing how the international information highway operates in the recent years and how the internet creates new ways of political and ideological domination. The article also reviews some concepts such as globalization and shows that news medias depend on big international news agencies to integrate the world agenda.

Palavras-chave: Globalização, jornalismo, sociedade da informação.

Key-words: Globalization, journalism, information society

¹ - Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

McLuhan e McBride: duas utopias superadas pela tecnologia e pela Internet

*“Nada conseguiremos compreender da era moderna
se não nos apercebermos da maneira como
a revolução na comunicação criou um novo mundo.”*

Charles Cooley²

Preocupação constante de organismos internacionais e de pesquisadores nas décadas de 70 e 80 do século passado, a discussão sobre o fluxo internacional de informações, principalmente de notícias, passou para o segundo plano a partir do advento da Internet e dos processos de fusão e incorporação de empresas de e em diversos países, resultando na formação de grandes conglomerados mundiais de comunicação. Os pesquisadores se propuseram a entender o momento de expansão das tecnologias e a possibilidade da formação de redes democráticas de comunicação, com acesso irrestrito e um fluxo em equilíbrio com as demandas de informações dos públicos.

Até mesmo a ONU – Organização das Nações Unidas - através da UNESCO, órgão das Nações Unidas para a Educação e a Cultura, que na década de 1970 exerceu um papel fundamental no desenvolvimento de pesquisas em comunicação internacional e na discussão de uma nova ordem mundial informativa, assumiu outras prioridades e colocou o assunto de lado. O avanço da pobreza no mundo, a proliferação dos conflitos étnicos e, principalmente, a epidemia de AIDS na África levam a UNESCO a mudar seu discurso e investir seus esforços em educação e saúde. Philippe Quéau, Diretor da Divisão de Informação da instituição, resume as novas preocupações: “qual será o

² - COOLEY, C.H. (1901) Social Organization. New York: Charles Scribner's Sons. Cooley foi um dos primeiros sociólogos americanos a estudar a comunicação.

impacto real da revolução da informação nos desequilíbrios globais? Agravará as desigualdades econômicas, culturais e sociais ou tenderá a reduzi-las? Em outras palavras, a globalização agravará a globalização ou a humanizará?”³ Concomitantemente, o desenvolvimento de novas tecnologias aumentou em grandes proporções as possibilidades de distribuição de informações, tornando a utopia de McLuhan, a aldeia global, uma quase realidade.

São muitos os estudos sobre o fluxo internacional da informação, principalmente os relacionados às notícias e produtos culturais informativos, como documentários e programas de televisão ou rádio. A primeira pesquisa sobre o assunto é atribuída a Lasswel (*apud* Fadul, 2001), que em 1927 fez um estudo refletindo sobre a propaganda em época de guerra. Nas décadas seguintes os pesquisadores sempre buscaram entender a comunicação além das fronteiras nacionais, reflexo da nova organização geográfica estabelecida pela II Guerra Mundial - a divisão do mundo a partir da polarização da disputa ideológica entre Estados Unidos e União Soviética. Esses estudos mostram que as grandes agências noticiosas⁴ se tornaram instrumento de contra-ofensiva ideológica e desempenharam papel importante na Guerra Fria. A questão ganhou importância quando se percebeu que os países altamente industrializados controlavam não somente a produção e distribuição de mercadorias de alto valor agregado, como também de produtos informativos.

³ QUÉAU, Philippe. A revolução da informação: em busca do bem comum. Disponível em <<http://www.ibict.br/cionline/viewissue.php?id=25>>. Acesso em 17 de maio de 2006.

⁴ A contra-ofensiva ideológica praticada pelas Agências do Bloco Comunista, entre elas a Tass (URSS), Nova China (China) e Prensa Latina (Cuba) marcavam o cotidiano dos despachos noticiosos com expressões como “países de terceiro mundo”, “face imperialista do desenvolvimento capitalista”, etc. Por sua vez, as Agências do chamado bloco Capitalista, tais como a Associated Press, Reuters, France Press e outras, tinham uma linguagem mais discreta embora sempre atribuíssem ao comunismo as agruras do mundo. “É uma época onde circulam informações apaixonadas que funcionam como propaganda política considerada subversiva por uns e libertadora para outros, de acordo com a ideologia dominante, mas que discutiam as diferenças entre as classes e as sociedades” (SANTOS, Sérgio, 2005). *A TV Globo e os fluxos de comunicação*. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em 17 de maio e 2006.

Da segunda metade da década de 1960 até o fim da de 1980 os estudos sobre comunicação internacional se confundiram com a comunicação para o desenvolvimento, em face das repercussões do debate sobre o papel da mídia no desenvolvimento dos países do Terceiro Mundo, principalmente da América Latina. Pesquisadores como Mattelart e Schiller começaram a utilizar conceitos como multinacional e transnacional, para designar principalmente as empresas que se espalhavam pelo mundo e que estavam adquirindo características muito próprias.

Em muitos países, incluindo o Brasil, se percebe um avanço na concentração e diversificação da mídia, que se ampliava com o surgimento das novas tecnologias de informação, telecomunicação e radiodifusão. Fica claro que o complexo de comunicação, com seus meandros, se tornava parte integrante do projeto econômico de hegemonia mundial.

São esses imbricamentos que levam o jornalista venezuelano Eleazar Diaz Rangel a pesquisar e escrever o livro de *Pueblos sub-informados* (1967), no qual analisa principalmente o papel das agências norte-americanas e européias de notícias, além das agências nacionais. Em 1974, os pesquisadores finlandeses, Karl Nordestreng e Tapio Varis, financiados pela Unesco, analisam o fluxo dos programas de televisão em 57 países. A pesquisa mostrou a hegemonia dos programas de origem norte-americana, caracterizando assim, de forma empírica, o sentido do fluxo - países desenvolvidos para os de terceiro mundo.

A lógica começa a se desenhar e é no livro organizado por Fernando Reyes Matta, publicado em 1977 – no Brasil em 1980, “ *La información en el la nueva ordem internacional*, que contém artigos sobre a estrutura transnacional de poder e a informação internacional, a evolução histórica das agências de notícias e sua inserção

nos países periféricos e o desenvolvimento de tecnologia, que ela se apresenta sem maquiagem ou subterfúgios.

No entanto, o documento mais importante da época é o Relatório McBride, resultado do trabalho Comissão Internacional para o Estudo dos Problemas de Comunicação, criada pela ONU para avaliar a possibilidade da implementação de uma nova ordem informativa – tal qual já havia sido proposta na economia⁵. O Relatório *Um mundo e muitas vozes* alinhava 11 pontos considerados fundamentais para a democratização do acesso às informações.

Mas o próprio Sean McBride admitia que a colocação em prática dos 11 princípios era uma utopia e que os preceitos neles contidos compunham um processo histórico que demandava esforço de todas as partes, o que, talvez, estivesse em desacordo com as forças mundiais vigentes.

“[...] os aspectos desse processo se modificaram constantemente, mas, os objetivos continuam sendo os mesmos: justiça, igualdade, maior reciprocidade no intercâmbio de informações, menor dependência nas relações de informação, menor difusão de mensagens vindas dos países desenvolvidos; auto-suficiência e reforço das identidades nacionais”⁶.

Se a utopia de McBride fracassou e não saiu do papel, o que se verifica na atualidade é que a aldeia global preconizada por Marshall McLuhan está em pleno funcionamento. Já em 1966, o pesquisador canadense vislumbrava as conformações do mundo atual:

“os meios eletrônicos de comunicação contraem o mundo, reduzindo-o às proporções de uma aldeia ou tribo onde tudo acontece a toda gente ao mesmo tempo: todos estão a par de

⁵ - Em 1974 a ONU discute em suas conferências e assembléias a possibilidade de uma nova ordem econômica (NOEI).

⁶ - Prólogo do Relatório da Comissão Internacional para o Estudo dos Problemas da Comunicação. O relatório conhecido como Relatório McBride ou *Um mundo e muitas vozes*, foi publicado no Brasil pela Fundação Getúlio Vargas, em 1983.

tudo o que acontece e, portanto, no momento mesmo do acontecimento.” (MCLUHAN e CARPENTER, 1966: 47)

Graças aos progressos técnicos – satélites, Internet, redes de dados, entre outros – e às grandes corporações econômicas, os países do planeta estão mais interdependentes do que nunca. O conjunto das redes eletrônicas tem, atualmente, o potencial necessário para desempenhar um papel análogo ao de um sistema nervoso que acople, com suas interconexões, milhões de cérebros individuais numa enorme inteligência coletiva.

Assim, nessa nova configuração de acesso às informações, como afirmar que a lógica do fluxo informativo *centro/periferia* permanece?⁷ Que as grandes agências de informação, não só as noticiosas, se utilizam de dados não-oficiais, que buscam informações em sítios alternativos e mesmo de “porta-vozes” de determinados movimentos, que pautam o agendamento de assuntos a partir de outros interesses que não os do G-7 ou da comunidade européia?

O que se vê é que, apesar das possibilidades de acesso, boa parte das informações ainda está na dependência de quem as coleta e distribui e dos interesses que estas representam. Os exemplos são muitos e variados. A guerra dos Estados Unidos contra os Talibãs no Afeganistão, iniciada em 2002, só teve uma versão diferenciada àquela presente nos fluxos noticiosos ocidentais: as emissões - que se espalharam pelo mundo graças às novas tecnologias e a Internet em si, que ainda não conhece credo, religião ou cultura – das TVs Al-Jazeera e Al-Arabya – independentes e muçulmanas; e, mais recentemente, a guerra contra o Iraque, onde, apesar da intensa cobertura e afora os acontecimentos mais gritantes, como as torturas na prisão de Abu-Graib e a execução

⁷ -GALTUNG (1977) afirma que o mundo é formado por nações de Centro e de Periferia. Para o autor a relação acontece quando nações do Centro emitem influências para as de periferia, resultando em benefício para ambas. Nessa relação a Periferia oferece matéria-prima e o Centro os bens de consumo. Ele lista cinco tipos de imperialismo: econômico, político, militar, das comunicações e cultural. O imperialismo da comunicações leva ao imperialismo cultural, pois o Centro controla o fluxo informativo.

de civis, é a visão do bem contra o mau que se impõe. Um exemplo cabal desta afirmação está nas palavras do jornalista egípcio Hani Sukrallah, editor da revista semanal Al-Ahram, respondendo a uma pergunta sobre o impacto da Al-Jazeera na sociedade árabe:

“Teve um impacto assombroso, absolutamente assombroso. [...] Os canais de notícias, especialmente a Al-Jazeera, são agora assistidos nos lares, nos escritórios, nos cafés. [...] As pessoas estão mais engajadas e mais informadas. Os árabes descobriram que milhões de pessoas, até mesmo dentro dos EUA, saíram à rua para protestar contra a guerra, enquanto eles nada fizeram porque não podiam. Esse foi um alerta e também representou um desafio.”⁸

Para Traquina (1988:121) a questão está além do acesso à informação. Está em como as empresas, os governos e os jornalistas olham para determinadas partes do mundo:

“ (...) submetidos aos imperativos da rapidez, os jornalistas encontram um modelo pronto, um mecanismo útil para transformar os acontecimentos em notícia [...] além disso, vivem num contexto cultural e político bem preciso, que compartilham com os receptores -, assim o modelo pré-concebido responde às expectativas destes mesmos receptores, porque já deu provas de sua capacidade de ser vendável.” (Traquina 1988:121)

Assim, a perspectiva dos jornalistas é também a do modelo vigente, mesmo estando na periferia ou tratando dela. Para Galtung (1965: 98), a hegemonia das agências na produção e distribuição de notícias, por um longo período, formou várias gerações de jornalistas que observam o mundo sob a ótica do Centro e isso traz como consequência a Periferia consumir mais notícias sobre o que, aos olhos dela, é a parte

⁸ - Disponível em http://www.novae.inf.br/pensadores/novas_resistencias.htm. Acesso em 23 de março de 2006.

mais importante do mundo, ou seja, o Centro de imperialização de determinada nação é mais lido, visto e comentado pela nação imperializada.

Sociedade informacional e globalização

Para autores como Lojkine (1995), Harvey (1993) e Rosnay (1998), a sociedade passou por uma revolução, nominada de informacional em função de ela estar calcada na convergência de tecnologias e na sinergia de uma série delas.

Essa realidade, para Castells, inaugura uma era de informação ou do conhecimento. Ele distingue “sociedade da informação” e “sociedade informacional”. Segundo ele, a informação sempre foi importante na história, ou seja, não se diria nada de novo com o primeiro conceito. Já “sociedade informacional” indicaria uma forma específica de organização social “em que a geração, o processamento e a transmissão da informação se convertem nas fontes fundamentais da produtividade e de poder” (Castells, 1999: 153).

Ainda para Castells (2003), as transformações em direção à sociedade informacional, em estágio avançado nos países industrializados, constituem uma tendência dominante mesmo para economias menos industrializadas e definem um novo paradigma, o da tecnologia da informação, que expressa a essência da presente transformação tecnológica em suas relações com a economia e a sociedade.

Assim, para esses pensadores, o que temos é a possibilidade de uma transformação social de tal monta, somente igualada às sofridas pela humanidade na transição da sociedade agrária para a sociedade industrial. Mas, se na sociedade agrária as relações de poder se estabeleciam sobre a propriedade da terra e na sociedade industrial sobre o controle dos meios de produção, nessa nova sociedade estariam no conhecimento/informação e, nesse sentido com quem o detém e o produz.

Wolton (2003:18) questiona essa “nova sociedade” e afirma que a questão é, “caso se considere a Internet como símbolo das novas tecnologias, saber se esta inovação vai ao encontro, ou não, de uma evolução substancial nos modelos culturais da comunicação e dos projetos de comunicação”. Ele questiona ainda a postura de diversos estudiosos, inclusive McLuhan, “pois supõem que a tecnologia vai mudar diretamente a sociedade e os indivíduos”. Revolução ou momento, a verdade é que em nenhum período da história a humanidade viveu tal acirramento tecnológico e tamanha possibilidade de sinergia. E, também, em nenhum outro momento a informação esteve tão em evidência e ao alcance daqueles que detém as tecnologias.

Dowbor (1999:15) vai mais além. Afirma que transformações tecnológicas aceleradas ocorrem desde a metade do século passado e que o processo de globalização – intrinsecamente ligado a elas - pode ser visto desde sempre. “No entanto, temos de reconhecer que a intensidade e o ritmo de transformações geram uma situação qualitativamente nova. Enfrentamos uma nova realidade, os processos se articulam de outra forma”. De fato, à globalização estão vinculados os conceitos reveladores da complexidade dos projetos de sociedade e da diversidade de interesses traduzidos nas disputas das representações ideológicas, políticas e culturais que estão em curso no cotidiano do mundo, em cada tempo e lugar da presença da vida.

Globalização, transnacionalização, mundialização, internacionalização. Vários conceitos que tentam explicar o momento contemporâneo. Para alguns autores, cada um desses se refere a um aspecto da vida; para outros, eles são similares e revelam o pensamento hegemônico atual: um mundo sem fronteiras - sejam elas geográficas, econômicas ou culturais.

Vilches (2001) separa os conceitos, na mesma linha de pensamento de Barbero e Ortiz. Afirma que a mundialização está ligada aos processos culturais que surgiram a

partir da revolução industrial e que romperam com as tradições seculares e que a globalização está ligada ao desenvolvimento de um mercado global, ao estabelecimento de atividades econômicas e industriais em termos globais e à interdependência de atividades repartidas em diversas áreas – inclusive os conglomerados de comunicação.

Mark Brown, administrador do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano (PNUD), no prefácio do relatório de 2004, afirma que:

“a globalização da cultura de massas, dos livros, filmes, Internet e televisão, coloca, claramente, algumas ameaças significativas às culturas tradicionais. Mas também abre oportunidades, desde o significado limitado de grupos prejudicados, como os aborígenes australianos ou os esquimós árticos penetrando nos mercados mundiais de arte, até o significado mais amplo de criação de sociedades mais vibrantes, criativas e estimulantes.” (ONU, PNUD, 2004: Prefácio)

Ianni é enfático ao afirmar que o processo de globalização não percebe fronteiras entre tradição cultural e econômica. Para ele, o processo começou com as grandes navegações e foi fundamental para o surgimento do capitalismo.

“A cidade global que se torna realidade em fins do século XX é a que se produz como condição e resultado da globalização do capitalismo. Torna-se uma realidade propriamente global na época em que o capitalismo, visto como processo civilizatório, invade, conquista, assimila, desafia, recobre, convive, acomoda-se ou mesmo recria as mais diversas formas de vida e trabalho, em todos os cantos do mundo. Um processo histórica de amplas proporções que já se desenvolvia irregularmente com o mercantilismo, colonialismo e o imperialismo.” (Ianni, 1995:57)

Robert Robertson (2000:8), diz que a globalização consiste na “compressão do mundo e na intensificação da consciência do mundo como um todo”. Assim, compreende-se a afirmação de alguns autores como Giddens(1991), Harvey (1993) Walters (1995) e Ianni (1995) para os quais a problemática das relações sociais

estendidas através de um espaço-tempo comprimido, atravessando fronteiras e modelando a vida social, é um dos desafios das ciências sociais neste século.

Robertson levanta três questões importantes sobre esse processo: globalização não é um estado “completamente novo”, mas de longa duração, cuja origem remonta às grandes navegações e se acelera na atualidade a partir do desenvolvimento das tecnologias de comunicação - que permitem a aceleração de processo sociais, econômicos e o fim da noção de fronteira geográfica. Depois, o impacto que ela provoca nas relações sociais e culturais de diversos povos que, mesmo alijados dos benefícios econômicos e infra-estruturais do discurso global, nem sempre estão conscientes dela. E, finalmente, um processo que implica forçosamente no estabelecimento de contatos mais próximos e o reconhecimento de dependências mútuas entre povos e instituições diferentes, o que gera interdependência não só econômica, mas mostra uma tendência à homogeneização cultural e social, resultando em embates étnicos e religiosos como os vividos nos últimos anos em diversos países da Europa, do Oriente Médio e mesmo da América Latina.

A idéia de um “centro dominar a periferia” não é real. Featherstone (1996:98) salienta, no entanto, que como muitos centros (explicitamente os países do G7) concorrem entre si na busca de mercados, acabam por formar novos blocos regionais e, a partir daí, novas interdependências. Assim, é possível identificar dois fatores que desencadearam a globalização econômica: (1) a liberalização dos intercâmbios de bens e serviços; e (2) a mobilidade praticamente ilimitada do capital. Para o autor, determinar os que contribuirão para a chamada globalização cultural é mais complicado. Implica entender desde os processos migratórios dos séculos XIX e XX até a desigualdade de poder nos fluxos culturais e de comunicação entre grupos, regiões e países, bem como os impactos diferenciados - conforme o que se transmite e quem o recebe.

Não restam dúvidas que, na atualidade, são as grandes corporações de comunicação, responsáveis pelos fluxos culturais, as legitimadoras do discurso da globalização. Para Moraes (2003:145) “não apenas vendem e legitimam o ideário global, mas transformam o discurso social hegemônico, incutindo visões de mundo e modo de vida que transferem para o mercado para a regulação das demandas coletivas”. Hoje duas dezenas de conglomerados⁹ dominam a área de comunicação no mundo e, com receitas que variam de US\$ 5 a 30 bilhões, veiculam dois terços dos conteúdos culturais disponíveis.

O Brasil se espelha nessa realidade. Um estudo do Instituto de Estudos e Pesquisas em Comunicação (Epcom), em 2002, mostra a realidade brasileira: seis redes privadas nacionais de TV aberta e seus 138 grupos regionais afiliados controlam 667 veículos de comunicação, entre TVs, rádios e jornais. Por meio dos aliados locais, as redes geram um vasto campo de influência, em escala de massas, que se capilariza por 294 emissoras de tevê em VHF (90% do total de emissoras do País), 15 em UHF, 122 emissoras de rádio AM, 184 de FM e duas rádios em Onda Tropical (OT), além de 50 jornais diários. Todos ajudam a sustentar e amplificar a programação e a ideologia das chamadas “cabeças-de-rede” – os sistemas Globo, SBT, Record, Bandeirantes, Rede TV! e CNT.

⁹ - “A News Corporation, da qual Rupert Murdoch possui 30% das ações, é o exemplo típico do grande grupo multimídia contemporâneo. Nos Estados Unidos, ele controla as edições Harpercollins (550 milhões de dólares de lucro em 1995); o New York Post; muitas revistas, entre elas TV Guide; a sociedade de produção Twentieth Century Fox; a rede de televisão Fox Network, um canal popular (FX); um canal de informação contínua, Fox News Channel (que rivaliza com a CNN, do grupo Time Warner, e com MSNBC, criada pela Microsoft e o canal NBC, da General Electric); uma empresa de marketing e promoção, Heritage Media; assim como uns vinte sites na Internet. No domínio do digital, Murdoch acaba de investir 1 bilhão de dólares para propor, em aliança com Echostar e a companhia telefônica MCI, um serviço de mais de 200 canais aos telespectadores americanos. Em parceria com as sociedades japonesas Sony e Softbank, Murdoch realizou igualmente o projeto de televisão por satélite Japan Sky Broadcasting (J Sky B). Seu grupo já possui um canal de televisão por satélite, Star TV, difundindo muitas dezenas de programas no Japão, na China, na Índia, no sudeste asiático e no leste africano.” Em http://www.pfilosofia.pop.com.br/04_miscelanea/04_17_lmd/lmd006.htm. Acesso em 02 de junho de 2006.

Mas, para Moraes, as alternativas de contra-hegemonia estão na adoção de políticas públicas nacionais e revitalização da sociedade civil.

“A questão-chave é propor e consolidar novos modelos de democracia participativa, de desenvolvimento comunitário e democratização dos meios e tecnologias de comunicação. Reconhecer que vamos estar ligados ao mundo, mas sob princípios.” (Moraes, 2003:199)

Mas, mesmo que se discutam as alternativas e que se reconheça que uma maior interação entre os povos resultará em distribuição de riquezas, tanto econômicas quanto culturais, o que se percebe é que o processo em curso não está conduzindo para uma sociedade global regulada. Ao contrário, tem construído uma zona de exclusão ampla em boa parte dos continentes.

Os indicadores da ONU para medir os níveis de desenvolvimento humano mostram um aumento da pobreza em áreas cada vez maiores do globo, assoladas por guerras étnicas e pelo acirramento de posturas fundamentalistas em contraposição do discurso hegemônico vigente da aldeia global.

Uma aldeia não tão global

O termo “Aldeia Global” vem, provavelmente, da obra de P. Wyndham Lewis, publicada na revista *America and the Cosmic Mano*, editada na Inglaterra, em 1948, e no ano seguinte nos EUA. Nele Lewis escreve:

"Os Estados Unidos são hoje uma designação errada. E dado que a soberania plural é - agora que o mundo se tornou uma grande aldeia global, com linhas de telefone estendidas de um extremo ao outro e o transporte aéreo é rápido e seguro -, de qualquer forma, um pouco burlesca, a pluralidade tem implícita em si que pouco poderia ser aproveitado como um bom

exemplo para o resto do mundo, pois os Estados Unidos tornaram-se a União Americana." ¹⁰

Já a “Global Village” de McLuhan, nasce da idéia de relações criadas pela mídia eletrônica e a forma como esta sintetizaria o mundo numa “aldeia global”, interconectada, simultânea, holística e multissensorial, em contraposição ao mundo visual e linear característico da mídia impressa. Numa síntese conceitual, McLuhan (1964:48) diz que o progresso tecnológico reduziu o planeta à situação de uma aldeia, ou seja, à possibilidade de se intercomunicar diretamente com qualquer pessoa que nela vive. Nessa visão utópica, tudo o que se ouve e fala está em sintonia. O planeta está interconectado e as pessoas ligadas umas às outras pelos meios, frutos da tecnologia, suas extensões.

“Todos os meios são prolongamentos de alguma faculdade humana – psíquica ou física. A roda é o prolongamento do pé. O livro é um prolongamento do olho. A roupa é um prolongamento da pele. Os circuitos elétricos, um prolongamento do sistema nervoso central.” (McLuhan, 1964:48)

Assim, para McLuhan não é a mensagem que liga as pessoas, não importa o conteúdo do que os meios dizem, mas os meios, que produzem novos hábitos e alteram o cotidiano. Os críticos do pensador canadense, como Finkelstein¹¹, apontam diversos equívocos nas suas teorias: (1) elegeu a televisão como paradigma, que nos anos 60 começava a ser mundial graças aos satélites, deixando de lado o fato de que numa aldeia a comunicação é essencialmente bidirecional. A televisão, para os mesmos críticos, apenas adicionou a instantaneidade e improvisado ao que já se via no cinema e, claro, trazia em si a possibilidade de assisti-la em casa; (2) embora tenha sido um estudioso da

¹⁰ - Disponível em http://www.citi.pt/estudos_multi/homepages/espaco/html/aldeia_global.html. Acesso em 06 de fevereiro de 2006.

¹¹ - Em *McLuhan: a filosofia da insensatez*, Finkelstein afirma que as teses do pensador canadense constituem um ataque ao pensamento racional, uma rejeição do humanismo e da história da humanidade.

tecnologia, oblitera que ela não se desenvolve e expande de forma homogênea no mundo, criando um amplo campo de excluídos. E é na questão da expansão tecnológica que os críticos são mordazes; (3) ele reconhece que poderio militar e econômico pode ser utilizado para a difusão de tecnologias¹²; e, finalmente (4) apesar de pregar a aldeia global, não crê que os povos menos desenvolvidos economicamente devam participar das benesses que o oeste colonizador adquiriu.

Assim, McLuhan admite que entra na aldeia quem detém a tecnologia e desfruta dela. Um exemplo característico dessa camada de exclusão é a invenção do rádio à corda. Enquanto milhares se relacionam através de *blogs*, *sites* e outras formas de conversa imediata através da Internet, na África a forma de comunicação mais nova é o rádio à corda. Inventado pelo inglês Trevor Baylis o rádio movido a corda é a adaptação de um mecanismo de relógio a um gerador. Basta dar corda até o final – o que leva 20 segundos, em média – para desfrutar meia hora de música.¹³

Dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano (PNUD), de 2004, mostram que um terço dos 6 bilhões de habitantes do mundo vivem na miséria e em situação de desigualdade brutal. A diferença entre os mais ricos e os mais pobres pode ser verificada através da renda *per capita*: a dos 17 países mais ricos supera US\$ 20 mil por ano, enquanto que nos 21 países mais pobres não ultrapassa US\$ 1 mil por ano. A Tanzânia e Serra Leoa apresentam renda *per capita* inferior a US\$ 500 por ano. No extremo oposto estão países como Cingapura, Suíça, Noruega e Estados

¹² - Numa entrevista a respeito da guerra do Vietnã, McLuhan é enfático: “como programa brutal de ocidentalização e instrução, a guerra (do Vietnã) consiste em iniciar o Oriente nos mistérios da tecnologia mecânica da era industrial”

¹³ - Ao contrário da maioria dos inventos, a idéia não ficou só no papel. Depois de ser apresentado num programa da BBC, Trevor conseguiu fundos de uma instituição, The Liberty Group, e o rádio, batizado de Freeplay, começou a ser produzido na África do Sul em 1996. Nestes oito anos, Trevor virou uma celebridade na Inglaterra e dois milhões de unidades do invento já foram vendidas. Vencedor de um prêmio de design da BBC, o rádio à corda já pode ser encontrado, numa nova versão, mais leve e charmosa, em lojas chiques da Europa e Estados Unidos. Seus compradores são quase sempre os ecologicamente corretos, que preferem dispensar o uso de pilhas poluentes.

Unidos. O mesmo relatório mostra que 80% dos habitantes do planeta vivem em países do Terceiro Mundo e 20% em países desenvolvidos.

As diferenças se acirram em termos de tecnologia. Se na Noruega, primeiro colocado IDH, em cada grupo de mil pessoas, 734 têm acesso a telefone e 500 são usuárias de Internet, em Serra Leoa, último colocado, os números caem para cinco e 1,6 por mil. Assim, não é difícil aferir que a própria infra-estrutura de informação desses países - jornais, estações de rádio e televisão; satélites e ligações internacionais e nacionais de microondas; agências de notícias, institutos de treinamento; e centrais de produção televisiva e cinematográfica - é pequena e dispersa. Aliás, poucos países alcançam os índices mínimos do PNUD para as metas médias¹⁴ de desenvolvimento humano nos quesitos de comunicação e acesso a ela, que são de dez cópias de jornais diários, cinco aparelhos de rádio, dois aparelhos de televisão e dois lugares no cinema para cada grupo de mil pessoas.

De acordo com os dados do Relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano (2004), apenas um bilhão de pessoas têm acesso ao telefone e destas apenas 17% têm acesso à Internet, sendo: 42,6% na América do Norte; Europa Ocidental, 23,8%; Ásia, incluindo o Japão, 20,6%; América Latina, 4%; Europa Oriental, 4,7%; Oriente Médio, 1,3%; e a África com apenas 0,6%. As estatísticas mostram também que mais de 90% dos provedores de Internet estão localizados no primeiro mundo. Esses números mostram que, com a nova infra-estrutura de informação, que se expande muito mais rapidamente em determinadas partes do planeta, crescerão ainda mais as diferenças entre regiões ricas e pobres. Os mais desenvolvidos alcançando dia-a-dia padrões mais elevados de produtividade e de educação e os demais

¹⁴ - O PNUD classifica os países em três categorias: índice de desenvolvimento alto, médio e baixo. A classificação se dá através de indicadores em áreas de saúde, educação, direitos humanos, poderio bélico, comunicação e habitação.

convivendo com a impossibilidade de desfrutar do desenvolvimento que as tecnologias podem propiciar.

No entanto, como lembra Castells (2003), é preciso entender que só o acesso às mídias ou tecnologias não é suficiente para garantir aos cidadãos a efetivação de seus direitos. Mas, é preciso admitir que o não acesso agrava ainda mais o quadro de desigualdade social.

McBride: a utopia de um mundo possível

O pressuposto que o acesso aos meios de comunicação e a igualdade na distribuição e recebimento de informações são definidores de um novo quadro mundial de inclusão social, econômica e cultural não é novo. A preocupação aparece em diversos documentos das Nações Unidas – através da Unesco. Mas, sem dúvida, o mais importante deles é o Relatório McBride, publicado em 1980.

Denominado *Um mundo e muitas vozes*, esse relatório é resultado do trabalho de uma Comissão Internacional, criada pela ONU para avaliar a possibilidade da implementação de uma nova ordem informativa – tal qual já havia sido proposta na economia¹⁵. Presidida pelo escocês Sean McBride, a Comissão, formada por 16 integrantes, tinha representação de todos os continentes e em sua grande maioria é composta por membros vindos de países do terceiro mundo ou em vias de desenvolvimento¹⁶, incluindo personalidades como Gabriel Garcia Marquez, Juan Somavia e Betty Zimmermam. Para McBride, a composição da Comissão contemplava a diversidade ideológica, política, econômica e geográfica do mundo.

¹⁵ - Em 1974 a ONU discutiu em suas conferências e assembléias a possibilidade de uma Nova Ordem Econômica (NOEI).

¹⁶ - A Comissão Internacional para o estudo dos problemas de comunicação era formada por Sean McBride (GBR), Elie Abel (EUA), Hubert Beuve-Méry (França), Elebe Ma Ekonzo (Zaire), Gabriel Garcia Marquez (Colômbia), Sergei Losev (URSS), Mochtar Lubis (Indonésia), Mustapha Masmoudi (Tunísia), Michio Nagai (Japão), Fred Isaac Akporuaro Omu (Nigéria), Bogdam Osolnik (Iugoslávia), Gamal el-Oteifi (Egito), Johannes Pieter Pronk (Holanda), Juan Somavia (Chile), Boobli Georges Verghese (Índia) e Betty Zimmermam (Canadá).

Depois de mais de dois anos de trabalho¹⁷ e a constatação de que o fluxo de informações se dava de forma ordenada e concentrada nos sentidos Norte/Sul e Leste/Oeste – explicitando a divisão do mundo em termos de pobreza e ideologia, o Relatório McBride foi apresentado à comunidade mundial contendo onze princípios básicos, tidos como fundamentais para a consolidação de uma nova ordem mundial da informação. (1) fim dos desequilíbrios e desigualdades que caracterizam a situação vigente; (2) eliminação dos efeitos negativos de determinados monopólios, públicos ou privados, e a excessiva concentração de poder; (3) remoção dos obstáculos internos e externos para um livre fluxo e mais ampla e equilibrada disseminação das informações e idéias; (4) pluralidade de fontes e canais de informação; liberdade de imprensa e de informação; (5) liberdade para os jornalistas e todos os profissionais nos meios de comunicação, com uma (6) liberdade inseparável da responsabilidade; (7) preparação dos países em desenvolvimento para buscarem melhoras em suas próprias nações, sobretudo no que diz respeito a aquisição de equipamentos próprios; (8) capacitação de pessoal, recuperação da infra-estrutura, além de tornarem os meios de informação e de comunicação sintonizados com as suas próprias aspirações e necessidades; (9) compromisso sincero dos países desenvolvidos para ajudar os demais a alcançar esses objetivos; (10) respeito à identidade cultural de cada povo e ao direito de cada nação para informar o público mundial sobre seus interesses, aspirações e respectivos valores sociais e culturais; e (11) respeito aos direitos de todos os povos para participar de intercâmbios de informação, baseando-se na igualdade, justiça e benefícios mútuos, bem como respeito aos direitos da coletividade, assim como de grupos étnicos e sociais, para que possam ter acesso às fontes de informação e participar ativamente dos fluxos de comunicação.

¹⁷ - De dezembro de 1977 a novembro de 1979, a Comissão realizou oito reuniões. Paralelamente, diversos governos organizaram seminários dedicados a discutir as relações entre a comunicação, a sociedade, o desenvolvimento, a tecnologia e a cultura.

Uma análise detalhada dos onze pontos responde a qualquer questionamento sobre os motivos deles nunca terem sido colocados em prática e as causas do boicote norte-americano ao trabalho da Comissão¹⁸. Mesmo assinando o Relatório, e tendo aderido ao consenso manifestado na Comissão, o representante soviético, Sergei Losev, diretor da agência Tass, fez severas críticas ao seu conteúdo, avaliando que a posição dos países em desenvolvimento foi solapada. “[...] o próprio conceito de invasão cultural não recebeu o lugar devido no Relatório, do mesmo modo que foi subestimada a função da cultura de massas ocidental no empobrecimento das culturas nacionais nos países em desenvolvimento” (Relatório McBride, UNESCO, 1983: 461). Losev criticou, também, a excessiva ocidentalização do Relatório e suas conclusões, tanto na terminologia quanto no enfoque.

Outros membros da Comissão também fizeram apontamentos e críticas. Gabriel Garcia Marques e Juan Somavia se mostraram receosos com a excessiva preocupação com a tecnologia. Destacaram que a “promessa tecnológica não é neutra, como também não está isenta de valores”. Para os latino-americanos a idéia de

“um plano Marshall para o desenvolvimento da comunicação no terceiro mundo é inadequada e tenderia a reproduzir os valores ocidentais e os interesses transnacionais, e caberia a sociedade estabelecer os instrumentos necessários para avaliar as diversas possibilidades.”¹⁹

Finalmente, os americanos não assinaram o Relatório por considerar seus 11 pontos demasiado amplos e cerceadores dos “valores americanos”, assegurados pela constituição daquele país.

¹⁸ - Apesar de consensuar os pontos do Relatório, a delegação americana se retirou do plenário no dia da votação e sugeriu ao governo dos EUA o boicote aos termos acordados.

¹⁹ - As críticas de Sergei Losev, Gabriel Garcia Marquez, Juan Somavia e Mustapha Masmoudi estão formalmente incluídas no Relatório original. As críticas americanas não foram inseridas, pois foram posteriores ao término do trabalho de redação.

Assim, numa análise mais aprofundada, podemos apontar algumas razões do fracasso: (1) forte oposição dos EUA, com reforço do Japão e da Inglaterra, para inviabilizar o avanço das propostas dos países do terceiro mundo; (2) predomínio da visão estatizante, em detrimento do fortalecimento da sociedade civil; (3) incompreensão em relação à potencialidade na produção própria dos meios de comunicação de massa latino-americanos; (4) preconceito em relação à cultura de massa e às apostas no “popular comprometido”; (5) contaminação dos programas universitários, criando um abismo entre a academia e o mercado com desatualização tecnológica; (6) resistência das empresas de comunicação e a frágil sustentação entre os profissionais; e (7) não envolvimento dos setores vivos da sociedade latino-americano, onde a maioria dos países vivia sob regimes ditatoriais apoiados pelos americanos.

Anos após o fracasso no estabelecimento da Nova Ordem Internacional da Comunicação (NOMIC), Sean McBride admitiu que a prática dos princípios era uma utopia, que os preceitos neles contidos compunham um processo histórico que demandava esforço de todas as partes, o que, talvez, estivesse em desacordo com as forças mundiais vigentes.

“[...] os aspectos desse processo se modificaram constantemente mas, os objetivos continuam sendo os mesmos: justiça, igualdade, maior reciprocidade no intercâmbio de informações, menor dependência nas relações de informação, menor difusão de mensagens vindas dos países desenvolvidos; auto-suficiência e reforço das identidades nacionais.” (UNESCO, 1983: xiii)

Ora, a história tem demonstrado que o espírito provinciano desemboca no estancamento cultural. Uma cultura não se desenvolve fechando-se em si mesma, mas sim mediante o intercâmbio livre com outras culturas e mantendo vínculos com todas as forças do progresso humano. Mas essa troca deve ser proporcional e estar baseada no respeito mútuo. Apesar disso, as condições atuais do mundo – tanto políticas,

econômicas, científicas, técnicas e militares como sociais e culturais - tendem a favorecer a posição e a influência dominantes de certos países e a reforçar a situação de dependência de muitos outros.

Recentemente, o escritor argentino, Tomás Eloy Martínez²⁰, em entrevista à Revista Veja, afirmou que o mundo não enxerga a América Latina, que ela não existe no imaginário mundial nem através da cultura nem através do processo de globalização. Por outro lado, um artigo publicado no Le Monde²¹, em novembro de 2004, revela um mundo inexistente para a atriz Angelina Jolie: “foi durante a filmagem de Lara Croft que eu me dei conta que existia outro mundo e que nele as crianças estavam muito infelizes”, se referindo ao Camboja, país que acabara de visitar. “Graças a eles, o Sudão apareceu nas manchetes dos jornais da América; quando eles falam em Darfur na televisão, as pessoas ouvem o que têm a dizer”. Esse foi o fechamento de um discurso do secretário geral da ONU, Koffi Annan²², sobre o trabalho humanitário dos Embaixadores da Boa Vontade, através dos quais, segundo o próprio Secretário, o mundo conhece realidades que os meios de comunicação não mostram.

Referências bibliográficas

BAGDIKIAN, Ben. (1987) *Media monopoly*. Boston: Beacon.

BORDENAVE, Juan E. Diaz. (1991) *Além dos meios e mensagens: introdução à comunicação como processo*. Tecnologia, sistema e ciência. Petrópolis: Vozes.

CASTELLS, Manuel. (2003) *A Galáxia da Internet: relexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.

²⁰ - Escritor, jornalista e coordenador do programa de estudos latino-americanos da Universidade Rutgers (EUA). A entrevista foi concedida a Revista Veja em novembro de 2004.

²¹ - O artigo denominado *Celebridades úteis investem em marketing social* foi publicado no Le Monde em 09 de novembro de 2004 e analisa a participação de artistas nas campanhas humanitárias da ONU.

²² - Discurso proferido na nomeação dos novos “Embaixadores da Boa Vontade”, entre eles diversos atores, esportistas e estudiosos de diversos países, em 26 de setembro de 2004

- CASTELLS, Manuel. (1999) *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- CARRAL, Juan Antonio. (1998) Internet, origen, presente ¿y futuro? In: RAMONET, Ignacio. *Internet, el mundo que llega*. Madrid: Alianza Editorial.
- CHESNAIS, François. (1996). *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã.
- COOLEY, C.H. (1901) *Social Organization*. New York: Charles Scribner's Sons.
- DIAZ RANGEL, Eleazar (1967). *Pueblos sub-informados*. Caracas: Universidad Central de Venezuela.
- DOWBOR, Ladislau. (1999) Globalização e tendências institucionais. In: DOWBOR, Ladislau; IANNI, Octávio (Orgs). *Desafios da globalização*. Petrópolis: Vozes.
- FEATHERSTONE, Mike. (1996) A globalização da complexidade – pós-modernismo e cultura de consumo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 32. São Paulo.
- FINKELSTEIN, Sidney. (1969) *McLuhan: a filosofia da insensatez*. São Paulo: Paz e Terra.
- GALTUNG, Johan e RUGE, Mari H. (1965) A estrutura do noticiário estrangeiro: a apresentação das crises do congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros. In: TRAQUINA, Nelson, (1993) *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Editora Vega.
- GIDDENS, Anthony. (1991) *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp.
- HARVEY, David. (1993) *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola.
- HOBBSBAWN, Eric. (1991) *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras.
- IANNI, Octávio. (1992) *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- _____. (1995) *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- KNUDSON, Jerry W. (1977) *Coverage since 1952 for Bolívia: The unknown soldier of the war*. Disponível em: <www.censa.net/publications/PassingTheTorch>. Acesso em 24.nov.2004.
- LOJKINE, Jean. (1995) *A revolução informacional*. São Paulo: Cortez.
- MATHIAS, Paul. (1997) *La cité Internet*. Paris: Press de Sciences.
- MATTA, Fernando Reyes et. (1980) *A informação na nova ordem internacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- MCLUHAN, Marshal. (1964). *Understanding Media: the extensions of man*. Toronto: McGraw-Hill Company.

MCLUHAN, Marshal. CARPENTER, Edmund. (1966) *Revolução na comunicação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

MCLUHAN, Marshal. (1972) *A galáxia de Gutemberg*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

MORAES, Dênis de et all. (2003) *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Editora Record.

NORDESTRENG, Karl; VARIS, Tapio (1979). Inventário Internacional da estrutura dos programas de televisão e circulação internacional dos programas. In: WERTHEIN, Jorge (Org.). *Meios de comunicação: realidade e mito*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. (2004) *Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano (PNUD)*. Relatório.

ORTIZ, Renato. (1996) *Mundialização da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense.

QUÉAU, Philippe. *A revolução da informação: em busca do bem comum*. Disponível em: <[http:// www.ibict.br/cionline/viewissue.php?id=25](http://www.ibict.br/cionline/viewissue.php?id=25)>. Acesso em 17 de maio de 2006.

ROBERTSON, R. (2000) *Globalização: teoria social e cultura global*. Petrópolis: Vozes.

ROSNAY, Joel de. (1998) *La revolución informacional*. In: RAMONET, Ignácio. *Internet, el mundo que llega*. Madrid: Alianza Editorial.

SALINAS, Raquel (1984). *Agencias transnacionais de informacion y el tercer mundo*. Quito: UNESCO.

SCHILLER, Herbert. (1971) *Mass Commnunications and Americam Empire* (edição brasileira da Vozes, Petrópolis, 1976).

STEVENSON, R. L. e COLE, R. (1984) - Issues in foreign news. In R. L. Stevenson e D. L. Shaw (Eds.) - *Foreign News and the New World Information Order*. Ames: The Iowa State University Press.

TRAQUINA, Nelson. (1999) *A redescoberta do poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento*. Coimbra: Minerva.

_____. (2001). *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Unisinos.

_____. (2003). *Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular.

UNESCO. (1961) *Los medios de información en América Latina*: fator de desarrollo económico y social. Paris.

_____. (1983) *Um mundo de muitas vozes* (Relatório McBride). Rio de Janeiro: Editora FGV.

VILCHES, Lorenzo. (2001) *Efectos culturales en la sociedad de la información*. Barcelona: Gedisa.

WOLTON, Dominique. (2003) *Internet, e depois?* Porto Alegre: Editora Sulina.